

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque (em vermelho) : Matérias que citam o ministro Wellington Moreira Franco ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Globo	2
Título: No meio do furacão	2
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	2
Título: Petrobras paga US\$ 975 mi em dívida bancária	2
Título: Após ceder a caminhoneiros, SP recua e eleva ICMS do diesel	2
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	4
Título: Saldo comercial mais favorável do que parece	4
Título: O lucro da Petrobrás	6
VEÍCULO: Correio Braziliense	7
Título: Adeus, gasolina abaixo de R\$ 4.....	7
VEÍCULO: Valor Econômico	8
Título: Destaques	8
Título: Taesa deve comprar parte da Eletrobras em cinco linhas.....	9
Título: Petrobras ajuda a segurar Ibovespa	10

VEÍCULO: O Globo**Seção: Colunas****Autor: Ancelmo Gois****Título: No meio do furacão**

Com a economia paralisada, em parte pela incerteza política, o governo paulista marcou o leilão da Cesp para 2 de outubro — ou seja: apenas cinco dias antes do primeiro turno presidencial. Vender na véspera de eleição é quase querer vender por menos.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção: Mercado****Autor:****Título: Petrobras paga US\$ 975 mi em dívida bancária**

A Petrobras informou (6) que realizou o pré-pagamento de três dívidas bancárias, no total de US\$ 975 milhões (R\$ 3,66 bilhões, pelo câmbio atual), entre 25 de julho e 3 de agosto, todas com vencimento original em 2022.

Do montante, US\$ 325 milhões foram pagos ao Bank of America, US\$ 150 milhões ao Safra e US\$ 500 milhões ao MUFG.

A empresa reiterou que “as operações estão em linha com a estratégia de gerenciamento de passivos da companhia, que visa à melhora do perfil de amortização e do custo da dívida, levando em consideração a meta de desalavancagem prevista em seu Plano de Negócios e Gestão 2018-2022”.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção: Mercado****Autor: Nicola Pamplona****Título: Após ceder a caminhoneiros, SP recua e eleva ICMS do diesel**

Estado aumenta preço de referência do combustível para cálculo do tributo

Rio de Janeiro - Um dos primeiros estados a reduzir a carga tributária do óleo diesel após a paralisação dos caminhoneiros, São Paulo voltou atrás e decidiu elevar o preço de referência para o cálculo do ICMS sobre o combustível.

De acordo com o Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária), o estado aumentou em R\$ 0,269 por litro o valor, que é conhecido como PMPF (preço médio ponderado final), sobre o qual incide a alíquota de ICMS.

O valor é revisto a cada 15 dias, de acordo com pesquisas sobre a variação dos preços dos combustíveis nas bombas. Na primeira quinzena de junho, São Paulo cobrará ICMS sobre R\$ 3,275 por litro vendido pelas distribuidoras.

Ao reduzir o valor no fim de maio, o estado disse que estava contribuindo para o esforço federal para baixar o preço do combustível. Agora, a Secretariada Fazenda alega que estava cobrando o imposto sobre um valor inferior ao verificado nos postos.

"O preço analisado pela ANP [Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis] mostrou-se superior ao fixado pela Fazenda nos meses de junho e julho, indicando que o desconto concedido na refinaria foi apenas refletido parcialmente no preço da bomba", disse a secretaria estadual da Fazenda.

De fato, segundo a pesquisa da ANP o preço médio do diesel em São Paulo era R\$ 3,256 por litro na semana passada.

Embora tenha caído R\$ 0,55 desde que o PMPF foi reduzido, o preço médio no estado não chegou perto dos R\$ 3,006 sobre os quais a secretaria estadual cobrou ICMS nos dois últimos meses.

"O tributo é de extrema importância para garantir a prestação de serviços aos cidadãos paulistas", argumentou a secretaria de Fazenda, em nota enviada à Folha.

São Paulo cobra uma alíquota de 12% sobre o preço de referência, uma das mais baixas do país.

Em maio deste ano, os combustíveis representaram 13,3% da arrecadação de ICMS do estado, que somou R\$ 11,4 bilhões, considerando todos os produtos.

Embora tenha tido, de longe, o maior aumento, São Paulo não foi o único estado a aumentar o PMPF sobre o diesel na primeira quinzena de agosto.

Amazonas, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Paraíba também o fizeram, com altas entre R\$ 0,047 e R\$ 0,119.

A redução da carga tributária estadual sobre o combustível era considerada fundamental pelo governo federal para que o corte de R\$ 0,46 por litro no preço do combustível chegasse integralmente às bombas.

Na segunda quinzena de julho, 17 estados tinham preços de referência menores do que os vigentes na primeira quinzena de maio — a paralisação foi iniciada no dia 21 e interrompida duas semanas depois após acordo com o governo.

Os dados da ANP mostram, porém, que, na comparação com a semana anterior à paralisação, o repasse às bombas não chegou a R\$ 0,46 por litro em nenhum estado. O mais próximo foi o Amapá, onde o preço do diesel caiu em média R\$ 0,44 por litro no período.

Na média nacional, o repasse desde a semana anterior à paralisação foi de R\$ 0,224 por litro. Na semana passada, o preço médio nacional do diesel era R\$ 3,371 por litro, queda de 0,20% com relação à semana anterior.

Segundo a pesquisa semanal de preços da ANP, o preço médio do diesel tem se mantido praticamente estável nas últimas quatro semanas, período em que teve queda de apenas 0,50%, ou R\$ 0,018 por litro.

Além do esforço tributário dos estados, o corte no preço do diesel conta com orçamento R\$ 13,6 bilhões do governo federal para serem gastos até o fim deste ano — R\$ 9,5 bilhões em subvenção a produtores e importadores do combustível e o restante em corte no PIS/Cofins.

Maior fornecedora do combustível, a Petrobras informou na sexta-feira (3) que tem a receber R\$ 871 milhões referentes aos primeiros 30 dias de subvenção.

Os valores deveriam ter sido ressarcidos até 26 de julho, mas a ANP ainda não liberou o pagamento.

O preço da gasolina, segundo a ANP também vem registrando estabilidade nas bombas. Na semana passada, o litro custou, em média no país, R\$ 4,473, ou 0,35% amenos do que na semana anterior.

Em quatro semanas, o preço da gasolina caiu 0,46%, ou R\$ 0,021 por litro.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Editorial

Autor:

Título: Saldo comercial mais favorável do que parece

Com exportações de US\$ 22,8 bilhões e importações de US\$ 18,6 bilhões, a balança comercial de julho mostrou superávit de US\$ 4,2 bilhões, inferior em 28,2% ao do mês anterior e em 32,7% ao de junho de 2017. A queda não se deveu a alterações expressivas no comportamento físico do comércio exterior, mas à mudança das regras de contabilização de exportações e de importações de plataformas de petróleo. Sem isso, o saldo positivo seria da ordem de US\$ 58 bilhões neste ano, segundo analistas privados. O governo espera um saldo de US\$ 50 bilhões.

O avanço das importações de 21,1% pela média por dia útil entre janeiro e julho de 2017 e de 2018 é sinal de que a economia interna está reagindo. Mas será conveniente que as exportações cresçam mais do que os 7,3% verificados em igual período. As dificuldades de venda de manufaturados, enfatizadas pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), têm de ser enfrentadas com a redução do chamado custo Brasil.

As médias diárias de exportações e de importações em julho foram as mais altas de 2018 (respectivamente, US\$ 1,04 bilhão e US\$ 847,4 milhões), mas também esses números foram influenciados pelos critérios de contabilização de compras e vendas de plataformas. Outros fatos devem ser destacados. O petróleo bruto ganha peso nas vendas, atingindo US\$ 13,5 bilhões nos primeiros sete meses do ano, alta de 24,9% em relação a igual período de 2017. Em julho, as exportações do bruto, de US\$ 3,5 bilhões, foram 112,1% superiores às julho de 2017.

É evidência de preços favoráveis e da política bem-sucedida de exploração pela Petrobrás das áreas do pré-sal. Também as exportações de soja em grão se destacaram, atingindo US\$ 22,5 bilhões neste ano e US\$ 4,1 bilhões em julho, aumentos, respectivamente, de 16,4% e de 53,4% em relação a iguais períodos de 2017.

As vendas de minério de ferro perderam força na comparação entre 2017 e 2018, mas, em julho, tiveram melhor comportamento, com exportações de US\$ 1,8 bilhão, 47% mais do que em julho de 2017. Em resumo, as vendas de commodities devem continuar sendo tratadas como porto seguro para o avanço do comércio exterior brasileiro.

Isso é particularmente importante quando se agravam as tendências protecionistas nos Estados Unidos, pondo em risco a evolução do comércio global.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção:** Notas e Informações**Autor:****Título:** O lucro da Petrobrás

Com lucro líquido de R\$ 10,1 bilhões no segundo trimestre, o maior para o período desde 2011, e de R\$ 17 bilhões no primeiro semestre deste ano, a Petrobrás mostra ao País e, sobretudo, aos seus acionistas a eficácia da severa política de recuperação financeira e operacional colocada em prática em maio de 2016, logo após o afastamento do grupo que a administração lulopetista impusera em sua gestão.

O aumento da cotação internacional do petróleo e a depreciação do real em relação ao dólar tiveram papel relevante na produção dos resultados do período abril-junho deste ano, mas boa parte do efeito positivo desses dois fatores poderia ter sido corroída caso a atual gestão da empresa não estivesse focada, como está, na recomposição dos principais indicadores de desempenho por meio da redução de custos, venda de ativos e ampliação de mercados.

O lucro registrado pela Petrobrás no segundo trimestre é 44,7% maior do que o obtido no trimestre anterior e 32 vezes maior do que o resultado alcançado em igual período do ano passado. A direção da empresa atribuiu o bom desempenho econômico-financeiro no trimestre ao aumento da participação da estatal nos mercados domésticos de diesel e de gasolina, por causa da redução da importação desses derivados por outras empresas que atuam no País.

As vendas de gasolina e diesel pela Petrobrás no mercado interno aumentaram 6% (o aumento das vendas de diesel foi de 15%). Já o resultado líquido dos primeiros seis meses do ano foi 257% maior do que do primeiro semestre de 2016. Esse resultado, segundo a empresa, se deveu às margens maiores na exportação do petróleo, graças ao aumento da cotação do produto no mercado externo e às condições favoráveis da venda de derivados no Brasil, com o reajuste dos preços internos.

A alta do petróleo Brent no exterior e dos preços dos combustíveis foi mais do que suficiente para compensar a queda do volume das exportações e do volume de vendas internas de derivados, principalmente gasolina e nafta. A política de preços seguida pela empresa, de ajuste dos valores da gasolina e do diesel às oscilações da cotação do petróleo, é o que mais distingue a austeridade que marca sua gestão atual do populismo da era lulopetista.

Naquela época, por imposição do governo do PT, a Petrobrás não podia reajustar os preços dos combustíveis nem mesmo com a alta contínua do

petróleo. Sem condições de conter os fatores que pressionavam a inflação, a começar pelo descontrole das contas públicas, a administração petista passou a controlar preços essenciais com os dos combustíveis e da energia elétrica. Por isso, em boa parte da era lulopetista a Petrobrás teve de vender seus produtos a preço inferior ao custo, razão pela qual acumulou prejuízos operacionais bilionários.

Um dos pontos centrais da política de recuperação econômico-financeira da Petrobrás adotada logo após o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República foi a revisão do programa de investimentos de médio prazo, para adaptá-lo à realidade. No segundo trimestre deste ano, por isso, os investimentos, de R\$ 11,31 bilhões, ficaram 1,23% abaixo do valor investido no mesmo período de 2017. A empresa também vem se desfazendo de ativos, o que já propiciou o ingresso de US\$ 5 bilhões em seu caixa neste ano.

A meta para 2018 era obter recursos de US\$ 21 bilhões com as vendas, mas alcançá-la tornou-se uma tarefa "mais desafiadora", como disse o presidente da empresa, Ivan Monteiro, em razão da decisão do Supremo Tribunal Federal de exigir que a venda de controle de ativos deve ser previamente aprovada pelo Congresso. Mesmo assim, a Petrobrás vem reduzindo a relação entre a dívida líquida e o patrimônio líquido, que no final do segundo trimestre ficou abaixo de 50% (estava em 51% no fim de 2017). A relação entre dívida líquida e a capacidade de geração de caixa, conhecida como alavancagem, atingiu 3,23 vezes, ante 3,67 vezes em dezembro. A meta é reduzi-la para 2,5 vezes no fim do ano.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor: Marília Sena

Título: Adeus, gasolina abaixo de R\$ 4

Desde o último sábado, o motorista do DF não encontra gasolina por menos de R\$ 4. Os postos na Estrada Parque Taguatinga (EPTG), que em 30 de julho vendiam o combustível a R\$ 3,99, elevaram os preços, depois de quatro dias de alívio para o bolso dos brasilienses. Agora, o litro é encontrado a R\$ 4,09 em estabelecimentos da EPTG. O valor continua sendo o mais baixo encontrado pelo Correio, na pesquisa realizada em 30 postos do DF.

Apesar do aumento, segundo a gerente de um dos estabelecimentos, o movimento não foi afetado. Morador de Goianésia (GO), Marco Antonio, 41 anos, vem semanalmente à capital a negócios e procura os postos da EPTG mais em conta para abastecer. "Eu me surpreendo com a gasolina a R\$ 4,09. Na minha cidade, o menor preço é de R\$ 4,89", afirmou.

A pesquisa do Correio mostra que, entre os dias 10 de julho e 6 de agosto, houve uma queda no preço médio do combustível de R\$ 0,07. O litro que, em média era vendido a R\$ 4,43 passou para R\$ 4,36. Ontem a Petrobras anunciou recuo de 0,68% no valor cobrado nas refinarias, que passará de R\$ 1,9465 para R\$1,9331.

Economista da Universidade de Brasília (UnB), César Bergo alerta que o consumidor deve ficar atento à variação do dólar, já que é um dos itens levados em conta pela Petrobras na hora do ajuste do valor nas refinarias. Ele defende a política de preços da estatal, mas cobra que a Agência Nacional do Petróleo (ANP) fiscalize melhor os postos para proteger os consumidores de fraudes.

Com os preços altos, Rosa Ximenes, que mora em Vicente Pires, adia algumas atividades, roda menos para economizar e opta por abastecer em postos onde a gasolina está mais em conta. Apesar das reduções dos últimos dias, para ela, o impacto no bolso continua alto. “A gasolina ainda está muito cara. A política de preços da Petrobras dificulta que o consumidor tenha noção dos preços e isso facilita a prática de cartel”, disse.

* Estagiária sob supervisão de Rozane Oliveira

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

Reajuste de gás

A Petrobras vai reajustar neste mês em cerca de 14% o preço do gás natural vendido para as distribuidoras de gás canalizado, disseram duas fontes ao **Valor**. O reajuste trimestral reflete tanto a variação do preço do petróleo no mercado internacional quanto o dólar e é válido para os contratos do tipo NPPa (Nova Política de Preço Ajustada) - os mais recentes assinados entre as distribuidoras e a Petrobras.

Lucro da AES Tietê

A AES Tietê obteve lucro líquido de R\$ 93 milhões no segundo trimestre do ano, aumento de 2,2% em relação aos R\$ 91 milhões do mesmo período do ano passado. A receita líquida cresceu 15,7%, para R\$ 461,9 milhões. Segundo a companhia, isso foi possível devido à entrada de R\$ 55 milhões em faturamento do complexo eólico Alto Sertão II, adquirido ano passado, e também pela

redução das despesas com compra de energia para revenda, devido à estratégia de sazonalização adotada. O resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) somou R\$ 270,3 milhões, alta de 26,9%. A margem Ebitda, por sua vez, cresceu de 53,3% para 58,5%.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito | Do Rio

Título: Taesa deve comprar parte da Eletrobras em cinco linhas

A Transmissora Aliança de Energia Elétrica (Taesa), controlada pela mineira Cemig e a colombiana ISA, planeja exercer o direito de preferência para a compra de participação da Eletrobras em cinco empreendimentos de transmissão de energia que devem ser leiloados no segundo semestre. Também está no radar o próximo leilão de linhas de transmissão, que a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) pretende fazer no fim do ano, com projetos que somarão investimentos da ordem de R\$ 15 bilhões

"Serão onze participações minoritárias da Eletrobras [em linhas de transmissão que deverão ser leiloadas]. Dessas onze, em cinco nós somos o parceiro, portanto temos o direito de preferência e estamos aguardando o edital para entender como vai funcionar. Estamos bem posicionados. Sendo o leilão dentro de uma racionalidade [econômica], deveremos exercer nosso direito de preferência", disse o diretor Financeiro e de Relações com Investidores da Taesa, Marcus Aucélio.

A expectativa é que o leilão das participações minoritárias da Eletrobras em ativos de transmissão ocorra entre o próximo mês e outubro.

Com relação ao leilão da Aneel, a estratégia, segundo o executivo, é disputar os lotes que garantam algum retorno para a companhia. "Vamos continuar participando dos leilões dentro da nossa disciplina financeira e com o retorno que agrega valor para os nossos acionistas", disse.

Segundo Aucélio, contam a favor da empresa o baixo nível de endividamento, de 1,4 vez a dívida líquida sobre o Ebitda (sigla em inglês para lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) e montante em caixa da ordem de R\$ 830 milhões.

A Taesa fechou o segundo trimestre com lucro de R\$ 259,3 milhões, um aumento de 260% em relação a igual período do ano anterior. Na mesma comparação, a receita operacional líquida avançou 107,5%, para R\$ 351,2 milhões, e o Ebitda recuou 6,1%, totalizando R\$ 361,3 milhões.

Com o resultado, o lucro líquido da transmissora no acumulado dos primeiros seis meses alcançou R\$ 476,5 milhões, com alta de 74,3% ante igual período do ano passado. Na mesma comparação, a receita líquida cresceu 33,2%, para R\$ 667,9 milhões, e o Ebitda caiu 5,8%, somando R\$ 734,7 milhões.

Segundo Aucélio, tanto o resultado trimestral quanto o semestral foram influenciados principalmente pela inflação do período. Como a companhia possui um grande conjunto de linhas de transmissão cuja receita anual é corrigida pelo IGP-M, a inflação em 2018 contou favoravelmente para a receita.

De acordo com ele, enquanto no primeiro semestre de 2017 houve uma deflação de 0,76%, nos primeiros seis meses deste ano, a inflação acumulada foi de 4,37%. "Na linha da correção monetária, passamos de um resultado negativo de R\$ 25,9 milhões [no primeiro semestre] para R\$ 173,2 milhões positivos. Isso foi o grande efeito."

Com relação ao resultado regulatório, a companhia fechou o primeiro semestre com uma receita líquida regulatória de R\$ 832,5 milhões, valor 4,6% menor que o apurado em igual período do ano passado. A queda, explicou Aucélio, foi devido ao efeito dos contratos de concessão de um grupo de linhas da empresa que, a partir do 16º ano de concessão tem a receita anual reduzida à metade.

"Algumas das nossas concessões são da categoria 2, que são daquelas que entram no 16º ano [de concessão] e [a receita] cai pela metade. No trimestre passado, já havíamos comentado isso", disse o diretor.

O mesmo fator que explica a redução do Ebitda, tanto do resultado trimestral quanto do acumulado dos primeiros seis meses do ano.

O conselho de administração da companhia também aprovou ontem o pagamento de R\$ 164,3 milhões de dividendos e juros sobre capital próprio. No primeiro semestre, a empresa já havia pagado dividendos e juros sobre capital próprio de R\$ 413,2 milhões.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Finanças

Autor: Juliana Machado e Victor Aguiar | De São Paulo

Título: Petrobras ajuda a segurar Ibovespa

A bolsa brasileira começa a semana novamente em queda, um desempenho que só não foi pior porque a Petrobras conseguiu garantir um pregão mais positivo. Com o ganho intenso do Ibovespa na semana passada, os investidores voltaram a embolsar lucros ontem, o que afetou sobretudo as ações dos bancos.

O principal índice da B3 encerrou o dia em queda de 0,47%, aos 81.051 pontos. Durante o pregão, novamente o Ibovespa oscilou pouco: na mínima, chegou a cair 0,58%, aos 80.965 pontos; na máxima, o índice subiu 0,40%, aos 81.765 pontos. O giro financeiro, também fraco, foi de R\$ 6 bilhões.

Depois de uma recuperação relevante em julho, o Ibovespa estende no começo de agosto uma tendência positiva e já acumula alta de 2,31% em quatro pregões; no ano, o ganho é de 6,08%. E os papéis da Petrobras estão justamente entre os dez com melhor desempenho mensal: a ação ordinária (ON) acumula ganho de 6,20% e a preferencial (PN), de 6,69%. Ontem, os bancos fecharam praticamente todos em baixa, enquanto a Vale caiu 0,29%. A Petrobras acabou perdendo força no fim do dia, mas a ação ON conseguiu subir 0,34%, e a PN teve leve queda de 0,33%.

Depois do balanço da Petrobras, divulgado na manhã de sexta-feira, o Ibovespa garantiu uma sobrevida, em um período que continua fortemente marcado pela instabilidade com as eleições. Com os números fortes da estatal no segundo trimestre, especialmente do lucro, os investidores voltaram a buscar o papel, manifestando interesse nos fundamentos da companhia.

Um gestor que prefere não ser identificado nota que o balanço da Petrobras apresentou forte geração de caixa e uma redução importante no endividamento, o que estimulou a demanda pelas ações. Assim, mesmo com a valorização da estatal ao longo das últimas semanas, ele acredita que uma série de fatores positivos ainda fazem com que os papéis da empresa sejam atraentes ao investimento. "Dado que os preços dos derivados continuam ajustados, o real desvalorizado e os preços médios do petróleo elevados, [as ações da] Petrobras continuam baratas", diz.

Mesmo assim, ainda é praticamente unânime entre analistas a leitura de que a eleição presidencial representa risco relevante para o potencial de ganho das ações da estatal. Segundo Alexandre Póvoa, presidente e sócio da Canepa Asset Management, a Petrobras entregou um ótimo desempenho no trimestre, mas "quebrou um paradigma" para os investidores na época da greve dos caminhoneiros. Naquele momento, a companhia anunciou redução de 10% no preço do diesel, o que colocou em xeque a percepção de independência de sua gestão - que acabou culminando na saída do então presidente, Pedro Parente.

"Desde então, a empresa deixou claro que ainda depende muito do governo. O risco tem um preço", diz. "A Petrobras poderia valer mais do que hoje, mas o investidor ainda tem muita insegurança de quem será o próximo presidente e qual será sua orientação."

Póvoa nota que é difícil calcular qual poderia ser o preço da Petrobras atualmente, mas, em um cenário de vitória de um candidato pouco alinhado à independência de preços dos combustíveis, os papéis poderiam sofrer uma nova onda de vendas e voltar para perto dos R\$ 15.

MME / ASCOM .